

AVALIAÇÃO COMO  
OPORTUNIDADE DE  
APRENDIZAGEM

---

UM OLHAR  
TRANSDISCIPLINAR

## Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador

---

### *Editora Executiva*

Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Uniplac/Unicamp

### *Conselho Editorial Educação Nacional*

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP

Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP

Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp

Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar

Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp

Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR

Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC

Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp

Profa. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas

Profa. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp

Profa. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS

Profa. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS

Profa. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI

Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp

Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR

Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA

### *Conselho Editorial Educação Internacional*

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário

Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada

Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aviero

Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Prof. Dr. César Tello – Universidad Nacional de Tres de Febrero

Profa. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de La Educación/Granada

Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho

Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján

Profa. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata

Profa. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata



ESTA OBRA FOI IMPRESSA EM PAPEL RECICLATO 75% PRÉ-CONSUMO, 25 % PÓS-CONSUMO, A PARTIR DE IMPRESSÕES E TIRAGENS SUSTENTÁVEIS. CUMPRIMOS NOSSO PAPEL NA EDUCAÇÃO E NA PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.

Roque Strieder  
Dilva Bertoldi Benvenuti  
Paulo Ricardo Bavaresco

AVALIAÇÃO COMO  
OPORTUNIDADE DE  
APRENDIZAGEM

---

UM OLHAR  
TRANSDISCIPLINAR



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Strieder, Roque

Avaliação como oportunidade de aprendizagem : um olhar transdisciplinar / Roque Strieder, Dilva Bertoldi Benvenuti, Paulo Ricardo Bavaresco. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2014. – (Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador)

ISBN 978-85-7591-313-0

1. Aprendizagem – Avaliação 2. Avaliação educacional  
3. Desempenho – Avaliação 4. Educação – Finalidades e objetivos 5. Professores – Formação I. Benvenuti, Dilva Bertoldi. II. Bavaresco, Paulo Ricardo. III. Título. IV. Série.

14-01368

CDD-370.7

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Avaliação educacional : Docentes : Educação 370.7

capa egerência editorial: Vande Rotta Gomide  
foto de capa: Marina Meirelles Gomide  
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

Esta obra conta com o apoio da  
**Fundação de Amparo à Pesquisa e  
Inovação do Estado de Santa Catarina**  
para a sua publicação.

1ª edição  
**março/2014**  
IMPRESSÃO DIGITAL  
IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

## *DEDICATÓRIA*

*Dedicamos o presente estudo a todos aqueles que de alguma forma, elasticam o sonho da reconstrução dos processos avaliativos, como fonte insaciável de sensibilidade, para reafirmar a dignidade humana.*

*A todos os seres humanos que permanecem esperançosos numa educação cada vez mais calorosa, afetiva efetiva.*

## *AGRADECIMENTOS*

*À FAPESC – Fundação de apoio à pesquisa científica e tecnológica do Estado de Santa Catarina.*

*Aos professores e alunos das redes estaduais, municipais e particulares das regiões da AMEOSC e AMERIOS*



## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS . . . . .	11
capítulo 1	
CRISE EDUCACIONAL E EXISTENCIAL . . . . .	27
capítulo 2	
O UNIVERSO DE CONCEPÇÕES EMERGENTES: OPORTUNIDADE PARA EFETIVAR A AVALIAÇÃO. . . . .	79
capítulo 3	
UM PROPÍCIO CENÁRIO PARA MUDANÇAS PEDAGÓGICAS E AVALIATIVAS . . . . .	119
NO SABOR DO INCONCLUÍVEL – A ESPERANÇA DA TRANSFORMAÇÃO. . . . .	181
REFERÊNCIAS . . . . .	187
SOBRE OS AUTORES. . . . .	199



*O tradicional conservado no “sempre foi assim”  
O nascimento, a consolidação e o repasse  
(ensino?) de um modo de ser e agir.*

*Um grupo de cientistas colocou cinco macacos numa  
jaula, em cujo centro puseram uma escada e, sobre  
ela, um cacho de bananas. Quando um macaco subia a  
escada para apanhar as bananas, os cientistas lançavam  
um jato de água fria nos que estavam no chão.*

*Depois de certo tempo, quando um macaco ia subir a  
escada, os outros enchiam-no de pancadas. Passado  
mais algum tempo, nenhum macaco subia mais a escada,  
apesar da tentação das bananas.*

*Então, os cientistas substituíram um dos cinco macacos.*

*A primeira coisa que ele fez foi subir a escada, dela  
sendo rapidamente retirado pelos outros, que o surraram.*

*Depois de algumas surras, o novo integrante do grupo  
não mais subia a escada. Um segundo foi substituído, e o  
mesmo ocorreu, tendo o primeiro substituído participado,  
com entusiasmo, da surra ao novato. Um terceiro foi  
trocado, e repetiu-se o fato. Um quarto e, finalmente, o  
último dos veteranos foi substituído.*

*Os cientistas ficaram, então, com um grupo de cinco  
macacos que, mesmo nunca tendo tomado um banho  
frio, continuavam batendo naquele que tentasse chegar  
às bananas. Se fosse possível perguntar a algum deles  
porque batia em quem tentasse subir a escada, com  
certeza a resposta seria: “Não sei, as coisas sempre  
foram assim por aqui...”.*



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O desenvolvimento do projeto de pesquisa, *Avaliação, uma oportunidade de aprendizagem*, abrangendo as regiões da AMEOSC<sup>1</sup> e AMERIOS<sup>2</sup>/SC, partiu do pressuposto de que o diálogo entre professoras/es, entre professoras/es e alunos e entre professoras/es, alunos e conhecimento torna-se cada vez mais uma atitude necessária no âmbito educacional/escolar. Sem essa compreensão da importância do diálogo aberto e a reflexão sobre os diversos saberes dos professores sobre realidade social, política, economia, aspectos culturais, ambientais e tecnológicos, ficará inatingível o desafio do resgate da curiosidade epistemológica, da competência ética e da formação humana do aprender a conviver.

- 
1. A AMEOSC compreende os municípios de Anchieta, Bandeirante, Barra Bonita, Belmonte, Descanso, Dionísio Cerqueira, Guaraciaba, Guarujá do Sul, Iporã do Oeste, Itapiranga, Mondai, Palma Sola, Paraíso, Princesa, Santa Helena, São João do Oeste, São José do Cedro, São Miguel do Oeste, Tunápolis.
  2. A AMERIOS compreende os municípios de Bom Jesus do Oeste, Caibi, Cunha Porã, Cunhataí, Flor do Sertão, Iraceminha, Maravilha, Modelo, Palmitos, Riqueza, Romelândia, Saltinho, Santa Terezinha do Progresso, São Miguel da Boa Vista, Saudades, Tigrinhos.

Como oportunidade de aprendizagem, a avaliação precisará superar o desejo aberto ou oculto de dominação e controle do comportamento dos alunos pelo viés da obediência, mediante a submissão obtida pela coerção. Em contextos de obediência, é imprescindível a geração de relações de confronto, que, por sua vez, geram ansiedade, desestabilidade e fragilidade nos processos de aprendizagem.

O desenvolvimento do estudo encontra suporte e justificativa em outro estudo realizado, intitulado “Depressão e ansiedade em profissionais da educação das regiões da AMEOSC E DA AMERIOS”, financiado pela CP/Fapesc/003/2006. Esse estudo<sup>3</sup> indicou uma propensão à depressão em 35% dos professores pesquisados da rede municipal (PPRM) e em 37,50% dos professores pesquisados da rede estadual (PPRE). Ainda, constatou uma tendência à ansiedade, humor ansioso em 64,01% dos PPRM e em 69,1% dos PPRE. Em conversas informais realizadas com diretores de escola, secretários municipais de educação e professoras/es, por ocasião da aplicação dos instrumentos de coleta de dados e registradas em diário de campo, ouvimos, na oportunidade, inúmeras referências ao contexto que envolve a falta de diálogo e, a problemática da avaliação, como fatores que potencializam a ansiedade e podem levar a situações depressivas.

Expressões como “os alunos não querem nada com nada”, “vou enfrentar a turma tal”, “hoje é o dia da cobrança”, “os alunos respondem qualquer coisa”, foram consideradas corriqueiras, mas são formas de linguagens carregadas de teor negativo e não contêm, em si, expectativas de aumento das chances de aprendizagem. Elas contêm, muito mais, um desejo

---

3. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados, os formulários “Inventário de Depressão de Beck”, para dimensionar o estado depressivo e a “Escala de Avaliação de Hamilton” (Gorenstein *et al.* 1999) para mensurar o estado de ansiedade.

aberto ou oculto de dominação e controle do comportamento dos alunos, pelo viés da obediência, mediante a submissão obtida pela coerção. O resultado é uma situação de confronto capaz de gerar ansiedade, desestabilidade e não aprendizagem.

Os conflitos entre concepção, função, paradigmas e instrumentos de coleta de dados, tem deixado o professor preocupado. As tramas do processo avaliativo, certamente, denunciam os saberes do professor obtidos no decorrer de sua formação ou nas experiências ocorridas durante sua vida, como escreve Tardif (2010, p. 12):

Na realidade, no âmbito dos ofícios e profissões, não creio que se possa falar do saber sem relacioná-lo com os condicionantes e com o contexto do trabalho: o saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer. Além disso, o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros autores na escola etc.

Tendo também esse contexto, como ponto de referência e, considerando ainda as mudanças no cenário globalizante, no cenário social e de crise de humanidade aliado a crise de mentalidade em relação à aprendizagem, visando superar o tradicional esquema de entrega e recepção e, nele o conseqüente processo avaliativo, objetivamos contribuir com a proposição de um universo de reflexões envolvendo a mentalidade pedagógica, o fazer pedagógico e o fazer avaliativo.

Metamorfoses nessas práticas somente poderão realizar-se se o universo conceptual e de pensamento reconhecer como insuficiente o pensamento linear, fragmentário e simplista.

Significa mexer na zona de conforto, zona que cristaliza a linearidade aquisitiva com base na reprodução de conteúdos, na transmissão conservadora e estática dos chamados conhecimentos. Reconhecer a cegueira paradigmática (Morin 2005), significa admitir a emergência de diferentes visões capazes de romper com as pedagogias das certezas e do subjetivismo enjaulante para reassumir a pedagogia das perguntas, do inconformismo e da curiosidade.

A rápida mutabilidade dos diversos cenários que afetam nosso modo de vida em âmbito ecológico, econômico, social, antropológico ou espiritual, requer uma pedagogia da complexidade (Morin 2006), com aberturas para trabalhar com a diversidade, as surpresas, a imprevisibilidade e, então, tecer redes de significações e não mais idealizações lineares de perfeita ordem. Para Morin (2005 p. 19):

Todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão. A educação do futuro deve enfrentar o problema de dupla face do erro e da ilusão. O maior erro seria subestimar o problema do erro; a maior ilusão seria subestimar o problema da ilusão. O reconhecimento do erro e a ilusão não se reconhecem, em absoluto, como tais.

A ideia de certo e errado tem tomado conta das práticas avaliativas dos docentes. As máscaras utilizadas têm impedido de perceber o ser humano, na escola, especificamente as crianças e jovens como seres em construção. Muitos ainda acreditam que diante do insucesso dos alunos, está a incompetência profissional do docente. Algo tão complexo não pode ser tratado de forma tão simplificada e redundante. O pensar e o refletir podem nos levar a detectar quais seriam os saberes que fazem parte do cotidiano do professor e que oferece tal resultado.

Existem e fazem parte de um contexto mutável e construtivo a existência de fragilidades e insuficiências formativas em relação ao sentido e finalidade da educação e, dentro dela, da concepção de avaliação e da concepção de elaboração de instrumentos de coleta de dados para avaliação (Luckesi 2005). Visualizar e transformar, o momento da prova, em uma grande oportunidade de aprendizagem, pode ser uma experiência formativa para dinamizar a transformação do pensamento linear de cobranças num processo de construção de conhecimentos.

O questionamento base do estudo:<sup>4</sup> é possível e, como, transformar os processos avaliativos em oportunidades de aprendizagem?

Desse questionamento elencamos como objetivo geral: contribuir com professoras/es na ressignificação dos instrumentos de coleta de dados e dos processos de avaliação para que os mesmos sejam transformados em oportunidades de aprendizagem.

Como objetivos específicos:

- 1) investigar junto a alunos e professoras/es do ensino fundamental e médio, problemáticas relacionadas ao processo avaliativo (no âmbito do entendimento de aprendizagem, da relação professoras/es e alunos, da elaboração dos instrumentos de coleta de dados para avaliação, dos procedimentos de aplicação desses instrumentos, da forma de lidar com os instrumentos colhidos junto aos alunos, do retorno dos mesmos aos alunos e, da avaliação propriamente dita para a elaboração de estratégias

---

4. Conforme projeto submetido à FAPESC (Fundação de apoio à pesquisa científica e tecnológica do Estado de Santa Catarina) via Chamada Pública Universal n.º 07/2009 e selecionada para desenvolvimento.

- pedagógicas alternativas diante de situações consideradas deficitárias);
- 2) contribuir no entendimento de que o processo educacional escolar precisa desenvolver a pluralidade de olhares, para enxergar o fenômeno do conhecimento como multidimensional, sustentado em complexas bases biológicas, filosóficas, sociológicas, políticas e pedagógicas, de caráter individual, coletivo, transpessoal, mas, acima de tudo, enredados uns aos outros;
  - 3) possibilitar o exercício da dúvida para oportunizar reflexões que desenvolvam argumentações no sentido de consolidar o entendimento da avaliação como oportunidade de aprendizagem, quando desenvolvida com postura ética, científica e educacional de respeito para com outros seres humanos.

No decorrer do período de realização desse estudo<sup>5</sup> tivemos a oportunidade de participar em vários momentos de reflexão formativa junto a professores das duas regiões da AMEOSC e AMERIOS. Em todos eles, de formas e intensidades distintas, os educadores manifestaram, pela presença e participação, a importância formativa, sobre temáticas da educação e avaliação. A importância de refletir sobre as relações da mutabilidade existencial, do significado de se encontrarem imersos em contextos naturais, contextos culturais, linguajantes e tecnológicos.

---

5. Trata-se compromissos assumidos no projeto apresentado e selecionado junto à FAPESC, ou seja, a participação da equipe em evento de formação continuada, em nível regional, e ou outros especificamente organizados por Secretarias Municipais da Educação para discutir a temática da avaliação.

Nesses contextos desejam conhecer, entender e participar das necessárias interações colaborativas e conflitivas presentes na ambiguidade e complexidade da expansão da tecnociência e da ascensão da crise de valores humanos. Muitos dos professores, presentes nesses e outros eventos, tal qual grande parte da humanidade, concebem-se em busca dinâmica por diferentes concepções para conhecer e entender o universo em expansão, conhecer e entender as implicações da globalidade, as implicações das permanentes mudanças, as implicações da crise de valores nas formas relacionais entre os humanos, entre outros.

As inquietações e os desejos de que a ação avaliativa possa acontecer de forma diferente, é o que move a curiosidade, a descoberta e a pesquisa de como acontece esta tão complexa prática. Na afirmação de Petraglia e Almeida (2006, p. 7):

Educação é processo complexo. Envolve pessoas tornando-se constantemente pessoas. Educação é também caminho: caminhar interativo, relacional, construído no horizonte do ser gente. Algumas levam a emancipação e outras à dominação, à subjugação, à fragmentação. Ser um ser vivo é deveras complexo.

A vivência do processo de ensino, contemplando a reflexão e a observação, pode fazer grande diferença nas decisões e nas ações. São reflexões e discussões que passam pela descoberta de quais saberes podem estar imbuídos na formação do docente, no decorrer do processo avaliativo. Uma ação que passa, necessariamente, pela lógica racional, mas também não pode deixar de contemplar as emoções, já que a decisão resultante do processo avaliativo traz consequências na vida de uma criança ou adolescente, sejam benéficas ou preocupantes. Então, há inúmeras concepções teóricas, ideológicas, pedagógicas e epistemológicas que precisam ser refletidas e, quem sabe, revistas, mas não simplificadas.

No contexto das reflexões irão comparecer os diferentes discursos de compreensão sobre o que é ser criança em famílias sem lar. Sobre o que é ser adolescente na exigência dispersiva das redes eletrônicas, ser jovem em contextos de imprevisibilidade que provocam para um diferente sentido do aprender. Aprendizagens que agora envolvem e exigem continuidade ao longo da vida, ao mesmo tempo em que confrontam a instituição escola com tantas outras formas de oferecimento de informações, tornadas possíveis pelas tecnologias digitais de informação e comunicação (TICs).

Entre outras tantas, que poderiam ser citadas, foi agradável contribuir e vivenciar a angústia de muitos, o desinteresse de outros, a acomodação e a indiferença nos olhares perdidos de outros tantos. Mas, acima de tudo, foi agradável compartilhar o entusiasmo educativo do desejo de compreender mais e melhor a enorme função social da educação. Assim, foi bonito perceber a sede para entender melhor as relações intrínsecas entre culturas, entre a valorização dos desejos, a sensibilização e a afetividade do face a face. Também a existência de uma expectativa para equilibrar a curiosidade epistemológica com a competência ética e, então, avançar no entendimento dos desafios antagônicos e contraditórios dos cenários humanos da atualidade.

Deixamos evidenciado que a complexidade e a atitude transdisciplinar podem contribuir para uma visão educativa capaz de desenvolver a habilidade para contextualizar os saberes (Morin 2005). Essa habilidade apresenta-se como uma oportunidade para diferentes e diversas visões de mundo, de vida, de natureza, de repensar a todos eles, mas acima de tudo, uma oportunidade para repensar-se a si próprio.

Foi com o objetivo de pensar o viés da complexidade educativa e formativa de seres humanos – crianças, adolescentes e jovens – que participamos de mesa redonda no VIII Colóquio

de Educação promovido pela Unoesc/SMO/SC e realizado em São Miguel do Oeste/SC no ano de 2010.

Junto aos professores da rede municipal do município de Paraíso/SC e, no contexto da formação continuada, realizamos uma palestra envolvendo a temática da “Avaliação: reflexão e ações”, no ano de 2011.

Tivemos participação ativa na capacitação realizada com gestores da rede Municipal de Educação do município de São Miguel do Oeste/SC no ano de 2011, contemplando reflexões acerca dos diferentes olhares e concepções de avaliação. Participamos ativamente, em 2011 e 2012, no estudo e nas discussões com professores das redes municipais de educação dos municípios de Iraceminha/SC, Serra Alta/SC e Flor do Sertão/SC sobre a temática do sistema Municipal de avaliação e sua função na proposta Pedagógica da escola. Coordenamos reflexões a cerca da avaliação no ensino superior a partir das discussões do ENADE (2011). Desse momento de debates participaram todos os coordenadores de curso da Unoesc Campus de São Miguel do Oeste e suas extensões nos municípios de Maravilha, Pinhalzinho e São José do Cedro.

Participamos do V Simpósio Regional de Educação Básica, promovido pela Unoesc/SMO e realizado em Maravilha/SC, sob a forma de 02 (duas) oficinas de formação, no ano de 2012. Na SDR (Secretaria de Desenvolvimento Regional) de Dionísio Cerqueira/SC, no ano de 2012, participamos do processo de formação continuada com realização de discussões envolvendo a temática da educação em contextos mutáveis e nela da avaliação, com uma provocação específica: “O que faço e, como faço, quando digo que estou avaliando?” Essa participação ocorreu em dois momentos distintos: um realizado no município de São José do Cedro/SC e outro no município de Palma Sola/SC.

Ainda no ano de 2012, na rede municipal de educação do município de Pinhalzinho/SC marcamos presença em duas oportunidades contribuindo com reflexões sobre a complexidade educativa e do processo de avaliação. Na primeira oportunidade a temática envolveu reflexões sobre os desafios educacionais e avaliativos no âmbito da complexidade. A mesma teve como questão dinamizadora a pergunta: “O que faço quando digo que estou avaliando?” Na segunda oportunidade a discussão reflexiva foi intitulada como: “Avaliação, um processo transpessoal”. Nesse momento a ênfase maior envolveu a importância da ressignificação da visão de ser humano, da visão de educação em contextos múltiplos nos quais a diferença e a diversidade exigem, não somente a presença, mas reconhecimento.

O tema “Avaliação como processo de inclusão” foi pauta de discussão, em 2012, do grupo de estudo dos Coordenadores Pedagógicos da rede estadual de Ensino da Gerência de Educação, com sede em Maravilha/SC.

Na rede Municipal de educação do município de Anchieta/SC marcamos presença contribuindo com reflexões sobre o processo de avaliação cuja temática específica tratava da “Avaliação como um processo de construção coletiva, um ato de corresponsabilidade”. O leque de discussão passou pela relevância do trabalho coletivo, pela importância da ética, do respeito e do afeto nas relações interpessoais também no conhecer e fazer pedagógico, ou seja, na adoção de atitudes transdisciplinares.

Ainda em 2012, participamos da VI Semana das licenciaturas – UNOESC: Campus de São Miguel do Oeste/SC, na qual a temática forte das reflexões foi: “Olhares transdisciplinares para o processo educativo”. Na oportunidade o tema refletido intitulou-se “Avaliação: numa perspectiva do ‘*cum+versare*’ e da aprendizagem”. As provocações envolveram

a transmutação das relações de poder, inicialmente exercidas pelo professor, como autoridade pedagógica, para as mãos do Estado. Compreender como o Estado, num processo de governamentalidade (Foucault 2012) usurpou do professor os rumos da educação, transformando o processo pedagógico num servo cumpridor de metas e resultados, determinados e estabelecidos no âmbito externo, cuja face denomina-se avaliação em larga escala.<sup>6</sup> Numa outra frente a reflexão foi conduzida para a compreensão dos limites da fragmentação, da sua ênfase individualista e descompromissada com o social, para perspectivas de convivência e de ajuda mútua. Como alternativa apontamos a atitude transdisciplinar, uma luz em direção ao respeito e à humildade de reconhecer e valorizar ao outro, diferente e diverso. Ensonhamos que, o “*cum+versare*”<sup>7</sup> permite estímulos ao caminhar juntos, também no desenvolvimento de

- 
6. Trata-se de uma política nacional de avaliação que engloba diferentes programas, tais como o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica – Saeb; o Exame Nacional do Ensino Médio – Enem; o Exame Nacional de Cursos – ENC, conhecido como Provão e, posteriormente, substituído pelo Exame Nacional de Desempenho do Ensino Superior – Enade; o Exame Nacional de Certificação de Jovens e Adultos – Enceja; o Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior – Sinaes; a Prova Brasil e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – Ideb. O Saeb é uma ação do Governo Brasileiro, desenvolvido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep, na sua Diretoria de Avaliação da Educação Básica – Daeb. Criado em 1988. A prova Brasil foi criada em 2005. O Enem implantado em 1998. O Pisa (*Programme for International Student Assessment*) Programa Internacional de Avaliação Comparada, com primeira aplicação no ano de 2000. Em 2007 foi iniciado o Ideb.
  7. O fluir do entrelaçamento entre o linguajar e o emocional está apontado na etimologia da palavra conversar - *cum*, que quer dizer com, e *versare*, que quer dizer dar voltas com o outro (Maturana 1997, p. 167). Maturana nos chama atenção para o que fazemos no cotidiano: nesse “dar voltas juntos” dos que conversam, ou seja, o que é isso de darmos voltas uns com os outros, o tempo todo, nos tocando com as palavras e criando redes linguísticas.

processos colaborativos de produção de conhecimentos e de experiências de vida humanizadoras.

Todas essas atividades de socialização e de reflexão foram uma oportunidade de vivência, com base filosófica e teórica, transformativa do modo de conceber e de agir quando da realização do processo educativo e avaliativo. Nas oficinas e palestras formativas, envolvendo SDRs e redes municipais de educação, além da base filosófica e teórica, foram discutidas e praticadas diversas formas de elaboração de instrumento de coletas de dados para avaliação. Priorizou-se a importância da contextualização das questões, a elaboração clara, objetiva e extensa o suficiente para a compreensão das questões, bem como, orientações para a importância da transposição dos conhecimentos para o cotidiano de vivência do aluno (Moretto 2005 e Macedo 2009), ou seja, a capacidade de atribuir significados.

Para nós, e esperamos também para os professores participantes, foi uma possibilidade no sentido de refletir não somente metodologias, currículos, mas também concepções de ser humano, concepções de educação, de sociedade inclusiva e de sua importância para o processo de formação.

Deixamos evidenciado que perceber a relevância formativa e aprendente do processo avaliativo permite considerar o outro, tecer reflexões sobre os níveis de sensibilidade solidária no desejo de cooperar com o aluno.

Acreditamos que, percebendo a relevância formativa e aprendente do processo avaliativo, pode-se sonhar e potencializar o desenvolvimento regional sob uma óptica comunitária. Uma dimensão que envolve o jeito de ser e considerar o outro, que envolve níveis de sensibilidade social para elasticar os níveis de aceitação, de confiança e de esperança, porque se compreende,

cada vez mais, que a escola está aí para ajudar, para, então, compreender que a comunidade regional existe para garantir a cada um o sustento. Assim, desenvolvimento regional, como comunidade regional, garante segurança e faz aumentar o desejo de permanência na região, tornar-se operacionalmente eficaz e agir, firmando aqui o domínio de existência.

Não temos dúvida de que, não somente porque referenciado e verificado nas discussões que se seguem, mas a temática da avaliação continua, também na atualidade, um dos temas candentes e complexos nas discussões sobre educação, no país e em qualquer nível educacional formal, seja na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, Médio ou Superior, bem como em qualquer rede de ensino municipal, estadual, federal ou particular.

O momento continua sendo de acalorados debates sobre o assunto e, na maioria das vezes, sobram opiniões e posicionamentos políticos, mas faltam clareza e compreensão teórica, filosófica, social e dos princípios ideológicos sobre aquilo que é dito e sobre o que é praticado. Essa complexidade, aliada às fragilidades formativas, deve-se também, porque sob, na e sobre a palavra avaliação encontra-se envolto um intrincado jogo de variáveis sociais e culturais com princípios e ideologias de interesses e disputas por significação. Tanto na dimensão conceitual quanto simbólica e prática, o fato é que a avaliação parece interessar a todos independente do que se faça, do como se faz, do o que se faz, ou mesmo, do que se deixa de fazer em nome da avaliação.

No contexto desse leque de dificuldades e de complexidade consideramos de grande importância também ouvir aqueles, diretamente envolvidos nessas discussões: alunos e professores. Temos ciência de que, nem as diversas luzes teóricas e nem mesmo as manifestações de alunos e professores permitirá que,

em curto prazo, se consiga chegar a conclusões consensuais. Porém, as discussões e os debates abrem oportunidades para problematizar concepções e atitudes pedagógicas, problematizar questões de ordem política, de ordem social e cultural.

Conhecer essas problematizações, também a partir dos envolvidos – alunos e professores – implica reconhecer que os mesmos negam o silenciamento e a permanência na sombra dessas problematizações. Significa também reconhecer que, para alunos e professores, a avaliação não é temática considerada resolvida, mas insiste em ser presente.

Em contextos de pós-modernidade e da globalização da economia, exigindo a praticamente transformação do conhecimento em mercadoria, o processo de formação escolar, e outros, se revestem da máxima do cuidado e do rigor para ainda identificar sentido para a educação escolar. Vivemos uma situação de carência e necessidade de grande parte da humanidade, absolutamente carente de valores sólidos e a serem conservados, de projetos sociais coletivos que permitam perspectivas de um presente e futuro melhor, com mais justiça e dignidade. O ser humano diverso e cada vez mais disperso já não dispõe da bússola que o orienta de forma segura. É essa perspectiva que merece atenção reflexiva por parte dos educadores para que sejam evidenciadas essas novas condições de existência e como elas interferem no processo educativo. Não significa submeter a condição da diversidade e da instabilidade contemporânea a um sumário processo de julgamento e condenação, nem também exaltá-lo com a euforia da onipotência, mas de impor-lhe o rigor da reflexão criteriosa, para quem sabe desenvolver uma revisão pedagógica do processo avaliativo sem o crivo do conformismo acomodante. Aqui cabe bem o alerta e também esclarecimento de Morin (2005, p. 30):

São as ideias que nos permitem conceber as carências e os perigos da ideia. Daí resulta este paradoxo incontestável: devemos manter uma luta crucial contra as ideias, mas somente podemos fazê-lo com a ajuda de ideias... Devemos reconhecer como dignas de fê apenas as ideias que comportem a ideia de que o real resiste à ideia. Esta é uma tarefa indispensável na luta conta a ilusão.

Assim, nossa pretensão, a partir do escrito que segue, pretende assinalar a importância e a necessidade do debate sobre a avaliação e de trazer algumas contribuições, ainda que sucintas e dispersas, mas destacar seu grande significado para a formação humana. Escola, formação humana e avaliação são temas profundamente imbricados uns nos outros. São questões envolvidas por sempre e renovadas polêmicas e, por isso requerem acolhimento e reflexão criteriosa intensa e extensa. De certa forma são incômodas porque provocam desacomodação e exigem posicionamento.